

A primeira parte discute o tema do *Ambiente, Espaço, Território* a partir de duas perspectivas: a lógica da História Ambiental, com o texto de Pádua sobre a história da crítica ambiental no Brasil, desde os tempos do Brasil colônia do Império, cuja tradição Pádua resgata de forma didática para o desenvolvimento de um ambientalismo nacional; e a lógica da Saúde Pública/Coletiva através do texto de Navarro et al., sobre doenças emergentes e reemergentes, revelando algumas tendências atuais no entendimento dos vários fatores que se encontram subjacentes ao aumento da importância desse problema para a saúde pública contemporânea.

A segunda parte dialoga com o conceito de risco por meio de dois textos particularmente instigantes, ainda que com perspectivas distintas: o de Lieber & Lieber, que refaz a trajetória etimológica e histórica em torno do conceito de risco, revelando sua natureza polissêmica e as lacunas para futuras pesquisas; e o de Castiel, que aprofunda a discussão sobre como a mídia e as sociedades modernas – sejam elas pós, super, tardo ou simplesmente sem adjetivos – vêm incorporando o conceito de risco de múltiplas formas.

A terceira parte discute os conceitos de qualidade de vida e promoção da saúde. O texto de Andrade & Barreto discute a proposta dos chamados municípios ou cidades saudáveis como processo discursivo e construção de novas práticas de promoção da saúde. O artigo de Minayo apresenta o enfoque ecossistêmico de saúde como “*uma das possibilidades de construção teórico-prática das relações entre saúde e ambiente, dialeticamente articulados a uma visão ampliada de ambos os componentes.*”

A quarta parte tem por temática *Processos Produtivos, Consumo e Degradação da Saúde e do Ambiente*, com textos de duas autoras que vêm se dedicando a discutir questões teóricas e práticas abrangentes sobre saúde e ambiente, com ênfase empírica na Região Nordeste do país. Franco revela como as sociedades urbano-industriais vêm se caracterizando por padrões de produção e consumo inerentemente degradantes para a saúde e o meio ambiente. Rigotto busca em diferentes autores a inspiração para pensar o trabalho e o ambiente, assim como os processos produtivos e de consumo, simultaneamente como fontes de realização e degradação dos seres humanos, nesse último caso a partir dos riscos e seus efeitos.

Finalmente, a última parte apresenta o tema dos *Indicadores em Saúde e Ambiente* com base nos textos de Giraldo e Barcellos. A primeira autora centra-se na discussão sobre a importância estratégica e política da produção dos dados científicos e indicadores na construção de uma “pedagogia preventiva” ou de “promoção da saúde”. O segundo autor aprofunda aspectos conceituais e de natureza mais operacional, voltados à construção e uso de indicadores socioambientais, os quais podem servir como medidas selecionadas para representar fenômenos ambientais e suas repercussões para a saúde nos seus ciclos de geração (fontes de risco), exposição e efeitos.

Ainda que com alguns desníveis em sua seqüência, o livro traz aos leitores inúmeras fontes de inspiração para cumprir sua tarefa de “*estreitar os nós*”, utilizando-se de um debate interdisciplinar entre os campos da saúde e o ambiental.

Marcelo Firpo Porto
Escola Nacional de Saúde Pública,
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
firpo@ensp.fiocruz.br

1. Kuhn T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 1987.
2. Funtowicz S, Ravetz J. Ciência pós-normal e comunidades ampliadas de pares face aos desafios ambientais. *Hist Ciênc Saúde* 1997; 4:219-30.

VIOLÊNCIA SOB O OLHAR DA SAÚDE: A INFRA-POLÍTICA DA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA. Maria Cecília de Souza Minayo & Edinilsa Ramos de Souza (org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 284 pp.

ISBN: 85-7541-028-8

Ao comemorar os 15 anos de existência do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (CLAVES), Maria Cecília de Souza Minayo & Edinilsa Ramos de Souza oferecem, aos pesquisadores brasileiros, *Violência Sob o Olhar da Saúde: A Infrapolítica da Contemporaneidade Brasileira*.

Falar sobre o CLAVES é vê-lo, desde o seu nascimento, participar com relevância, do diagnóstico e da análise do problema da violência no país, bem como da formulação de políticas para o atendimento das necessidades geradas por esse panorama.

Falar das autoras é superpor suas figuras à imagem do CLAVES, já que ambas se constituem em referência nacional e internacional sobre a violência, suas causas e sua inter-relação com os numerosos campos do conhecimento.

Quanto ao livro, segundo as organizadoras, é o reflexo do percurso do CLAVES nesse período, trazendo a marca do que foi construído e, a partir daí, delineando propostas para o futuro. Trata-se de contribuição importante que as professoras citadas trazem ao debate social e da saúde sobre o tema. Escrito pelas próprias organizadoras, outros importantes pesquisadores do cenário nacional e contando com a participação de pós-graduandos e bolsistas do CLAVES, o livro se afigura como de leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pelo assunto da violência.

Apresenta-se dividido em duas partes.

A primeira trata da contextualização do problema: conceitua a violência sob diferentes aspectos e estabelece o mapeamento quantitativo e qualitativo de sua morbimortalidade, apresentada dos pontos de vista geográfico e temporal.

Para aqueles que se preocupam com a saúde e o bem-estar das populações é apresentada a evolução da mortalidade por acidentes e violências, entre nós, principalmente quando é mostrado aos leitores que, dos anos 80 para a década de 90, o perfil dessas causas de morte passa do quarto para o segundo lugar. O capítulo apresenta o sexo masculino e algumas idades específicas como os grupos mais vulneráveis a essa mortalidade. Deixa clara, ainda, a tendência das taxas de mortalidade por causas externas nas diferentes macrorregiões brasileiras e mostra os homicídios e os acidentes de transporte como seus principais tipos.

A análise da morbidade hospitalar por lesões e envenenamentos é referida no capítulo 4. A evolução

das internações por essas causas no país, de 1984 a 2000, menciona que esse grupo, mesmo representando, globalmente, apenas 5,8% do total de hospitalizações, constituiu-se na principal causa de internação no sexo masculino, nas idades de 10 a 19 anos. Os autores apresentam ainda a distribuição dessas internações segundo tipo de lesão e seu custo médio no país. Esse aspecto é ressaltado como importante na medida em que, em todas as áreas, ocorre um sobre valor do custo das lesões e envenenamentos em relação a todas as causas.

Na segunda parte, ao analisar o comportamento da manifestação da violência sobre alguns grupos populacionais específicos, a publicação traz à luz um conjunto de informações relativas aos diferentes tipos de violências que atingem crianças e adolescentes, mulheres e idosos.

O tema da violência contra crianças e adolescentes é talvez o que tem merecido maior atenção e investimento dos pesquisadores. Tarefa desafiante e complexa, o assunto é comentado sob as diferentes formas de seu enfoque: desde a década de 70, onde o menor institucionalizado se constituía na cerne do problema, passando para a delinquência juvenil nos anos 80. Na década de 90 e nos primeiros anos do novo século destacam-se os estudos sobre violência familiar contra crianças e adolescentes, exclusão e violação de direitos (menores de rua) e juventude em conflito com a lei, como sendo os assuntos mais importantes e que sobressaem em artigos publicados em periódicos e, principalmente, em dissertações e teses.

Na parte relativa à violência contra a mulher, o autor procura analisar discursos acerca da mulher em situação de violência e ressalta, aqui, a grande produção nacional no fim da década, oriunda também de trabalhos de dissertações e teses.

Quanto à violência contra os idosos, os autores chamam a atenção para o fato de que, apesar da multiplicidade de sentidos da violência nesse grupo populacional, a questão tem ainda baixa visibilidade. Em razão disso, apresentam uma cuidadosa revisão da bibliografia nacional e internacional sobre o assunto, além de promoverem análise exploratória sobre os dados brasileiros da morbimortalidade por violência na faixa de sessenta anos e mais.

O livro mostra, ainda, em capítulo específico, o desafio representado pela associação drogas e violência, analisando as tendências da produção científica dos autores brasileiros na área, com base em 145 textos.

Aspecto importante da obra é a apresentação do “*panorama atualizado do estado do conhecimento*” sobre o impacto da violência no setor saúde. Trata-se de um apanhado feito sobre a produção intelectual brasileira – em livros e revistas indexadas, bem como dissertações e teses – publicados nos anos 90, sobre o assunto. Nesse particular é necessário salientar que as organizadoras dão continuidade a um trabalho anteriormente apresentado e que abrangia os trabalhos publicados até fins da década de 80. Comparativamente, o novo levantamento mostra não só o grande incremento da produção científica na área, mas também um aprofundamento da temática.

O trabalho apresentado, em seus diferentes capítulos e com sua abordagem interdisciplinar, constitui-se, para os pesquisadores e profissionais da saúde e áreas correlatas e da sociedade em geral, não só

motivo de aprendizado e reflexão, mas importante subsídio para ações específicas que objetivem a minimização do problema da violência entre nós.

Maria Helena P. Mello Jorge
Faculdade de Saúde Pública,
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
mhpjorge@usp.br

ANTROPOLOGIA, SAÚDE E ENVELHECIMENTO.

Maria Cecília de Souza Minayo & Carlos E. A. Coimbra Jr. (org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 212 pp.

ISBN: 85-7541-008-3

Desde o início dos anos 90, quando se consagra em lei uma concepção ampliada de saúde, a busca de construir práticas com orientação e base interdisciplinares, buscando articular uma perspectiva de integralidade e humanização das ações, tem sido um permanente desafio. Neste contexto, o diálogo entre as ciências da saúde e as ciências sociais é prerrogativa indispensável, assumida na proposta da coleção *Antropologia e Saúde* como horizonte a ser estimulado com a disseminação de estudos que consolidam e/ou exploram novas perspectivas de pesquisa em antropologia e saúde coletiva.

O livro *Antropologia, Saúde e Envelhecimento* que inaugura a coleção, organizado pelos próprios editores Carlos E. A. Coimbra Jr. e Maria Cecília S. Minayo, é bem-vindo por esta motivação de base e, sobretudo, pela atualidade e premência das questões que cercam a atenção ao idoso no Brasil. Os nove artigos enfocam aspectos diversos e trazem dados valiosos à compreensão dos sistemas simbólicos partilhados coletivamente, dimensão a ser contrastada com a realidade do envelhecimento em diferentes contextos e utilizada como referência no debate que informa os programas dirigidos a esse grupo populacional.

Numa primeira linha, as representações dos idosos sobre o corpo e a saúde problematizam estereótipos em torno da associação entre velhice e doença. Em estudo realizado em Bambuí, município de Minas Gerais, Uchôa e colaboradores mostram a discrepância entre a visão negativa de pessoas mais jovens acerca do envelhecimento e a percepção dos próprios idosos quando atribuem significado às suas experiências. Apesar da convivência com doenças e agravos, suas histórias de vida revelam ganhos e não apenas limitações, evidenciando a capacidade de enfrentamento e o apoio familiar e social como o diferencial na vivência dos idosos.

O questionamento aos estereótipos que se criam em torno do idoso é reiterado por Alda Brito da Motta, ao focar o sentimento do corpo e as ambigüidades na coexistência de diferentes visões sobre envelhecimento na sociedade capitalista contemporânea. A reprodução de estigmas e preconceitos quanto à velhice, reforçada pelos saberes constituídos nesse campo e pelos próprios idosos, dá-se em meio a resistências e aberturas a novas expressões, caracterizando uma época de transição de valores funcionalizada também pelo mercado por meio do estímulo a novos nichos de consumo. O texto traz uma instigante reflexão sobre a “máscara do envelhecimento”, expressão usada no campo gerontológico para simbolizar uma